

Memória coletiva, Jornalismo e novas formas de sociabilidade¹.

Marcelo LIMA²

Centro Universitário de Volta Redonda: UNIFOA. Volta Redonda, RJ.

Resumo: O objetivo da presente comunicação é discutir brevemente a algumas implicações do surgimento de novas formas de produção e circulação de informações nas relações recíprocas entre memória e jornalismo, bem como discutir os limites e alcance de um resgate de algumas contribuições de Maurice Halbwachs, tais como seus conceitos de comunidades afetivas e sua discussão sobre as interações sociais na produção da memória coletiva para interpretação das adaptações do jornalismo contemporâneo às novas configurações do mercado de notícias.

Palavras-chave Memória; Memória Coletiva, Jornalismo; História.

1. Introdução:

“The transition from memory to history requires every social group to redefine its identity by dredging up its past. The resulting obligation to remember makes every man his own historian” (Pierre Nora, 1996, p. 10).

O “Fin de siècle” e a “Belle Époque” vistos agora com mais de cem anos de distância, são ainda mais facilmente reconhecidos como uma época de riqueza cultural excepcional. Mais do que as transformações históricas dramaticamente concentradas entre os últimos anos do século XIX e a Primeira Grande Guerra, foram as inquietações geradas por este mundo em transformação e as várias interpretações sobre suas causas e destino que fizeram deste momento algo singular na história cultural do ocidente. O mundo novo que nascia foi alvo de calorosos debates nas artes, filosofia e ciências, com a força e entusiasmo dados pelos dos que ainda acreditavam que suas ideias poderiam, se não ditar os rumos da modernidade vindoura, pelo menos nos guiar em seu percurso. Neste celeiro de ideias novos campos de saber se abrem e muito pouco escapou de ser apropriado pela multiplicação de novas disciplinas e sua enorme vontade de saber.

Da psique à sociedade, da economia como objeto autônomo à política como ciência. Tudo que diz respeito ao homem se torna objeto de investigação e de disputa. Um dos mais notáveis empreendimentos intelectuais deste período, a Escola Sociologia Francesa, se destaca pela consciência de seu papel nesse investimento investigativo, na originalidade de sua abordagem essencialmente coletivista e na defesa vigorosa que faz dessa abordagem diante de outros investimentos, tais como a psicologia. Mas, é a pluralidade de fenômenos – de instituições a categorias do pensamento – sobre os quais se debruçam seus membros, que se revela a consistência e a profundidade deste projeto intelectual. Investigar, neste caso, se

¹ Trabalho apresentado no GP 08: Economia Política da Informação, Comunicação e cultura no XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Jornalismo do UNIFOA.

confunde com expor a origem coletiva de tais fenômenos, bem como evidenciar as marcas e constrangimentos que tal origem lhes impõem.

Coube a Maurice Halbwachs (1877 – 1945) a iniciativa submeter a “memória” a este projeto³. Entendendo o que lembramos como algo além de um conteúdo psicológico, grafado em um canto qualquer da mente pela experiência individual não mediada, ele procura realçar a existência de uma “memória coletiva”. Se, por um lado, não se pode dizer que Halbwachs tenha sido único em seu tempo a ter a memória como objeto de interesse - Proust e Bergson, de quem Halbwachs foi aluno, atestam tanto o interesse social quanto acadêmico sobre o tema - sua primazia em apontar a existência e os contornos de uma “memória construída e partilhada coletivamente”, em um momento de tão rápidas e intensas transformações sociais, fazem de sua obra um contraponto interessante para pensarmos os destinos da memória nos dias de hoje, em que experimentamos também importantes transformações sociais.

O rápido crescimento das cidades e seus inéditos aglomerados de indivíduos e tipos sociais, a degradação das relações baseadas em honra e status, ou pertencimentos diversos, e sua substituição pelas libertadoras, mas também degradadas, relações ditadas pela racionalidade capitalista, entre outros fatores, fazem da sociabilidade e da continuidade entre passado e presente temas de destaque no momento em que Halbwachs produz suas obras. No entanto, o surgimento das “massas”, sua produção cultural industrializada e a proeminência dos intelectuais dedicados a descrever e interpretar esses novos tempos, bem como a morte prematura de Halbwachs em um campo de concentração nazista, deslocaram seus escritos do centro do pensamento social.

O fim das grandes narrativas, as “globalizações”, “globalismos” e “mundializações”, as modernidades “hiper”, “tardias”, “exacerbadas”, “altas ou “inconclusas”, bem como todos os pós alguma coisa, repetem algo da efervescência intelectual da *Belle Époque*. Guardadas as devidas proporções, e precauções inerentes a simplificações como esta, é como se tivéssemos nossa própria versão – drama ou farsa – do “Fin de siècle”, e seu esforço intelectual para dar conta tanto das rápidas e dramáticas transformações na sociabilidade contemporânea, quanto para ajustar as contas com o passado recente. Em especial, o desgaste das teorias que defendem uma relação verticalizada entre as “massas” e as instituições, ou que afirmam a primazia dos sujeitos históricos, abriram uma pequena brecha na teoria social para o reconhecimento de que as pessoas produzem boa parte de

³ Halbwachs publicou 1925, de *Les Cadres Sociaux de la Memoire*, Topografia Legendária dos Evangelhos na Terra Santa, em 1941 e *A Memória Coletiva*, obra póstuma de 1950.

suas vidas em seus micros espaços cotidianos, e que vale a pena olhar para eles. Pensadores como Benjamin e Halbwachs são assim como que redescobertos.

Nesse movimento, são vários os autores que reconhecem nos anos 80 o (re)despertar do interesse pela memória coletiva em diferentes campos acadêmicos (OLICK, 2014; ZELIZER, 2014)⁴. Quase sempre lembrada e replicada, sempre reconhecida como precursora, a obra de Halbwachs é particularmente utilizada com sucesso em estudos de pequenas comunidades ou grupos articulados por uma identidade comum, ou então no estudo de memórias geradas por uma experiência histórica, tal como o holocausto. Quando, no entanto, os estudos de memória envolvem objetos de dimensões e complexidade maiores, sua obra se torna mais inspiradora do que heurística. A “memória coletiva” de Halbwachs parece não se encaixar muito bem numa sociedade de massa. Por, possivelmente algumas razões simples: sua teorização está ligada ao que ele denomina “comunidades afetivas” e está “baseada em interações face a face”. Ele não tinha como prever os desenvolvimentos tecnológicos posteriores e seu alcance, nem como prever o crescente papel de “mediação” das interações sociais exercido pelos meios de comunicação, justamente impulsionados por essas novas tecnologias. Embora algumas de suas intuições impliquem um papel importante do jornalismo na construção da memória coletiva (ZELIZER, 2014) e desta na construção de grupos (ANDERSON, 2008), pesquisas que explicitamente abordem jornalismo e memória coletiva, a partir de tais intuições, ainda não são comuns.

O impacto que a tecnologia tem sobre a sociabilidade humana é objeto de inúmeras análises que procuram reconhecer e interpretar as especificidades das sociedades contemporâneas. A tecnociência, como demonstram autores de diferentes filiações teóricas, passa a ser cada vez mais uma “visão de mundo” que modifica profundamente as maneiras como nos vemos, como nos relacionamos uns com os outros e até mesmo forma como experimentamos subjetivamente o mundo a nossa volta. Ao ditar novos ritmos, novas temporalidades e ao criar novos suportes para registro e rememoração do passado, as tecnologias de informação modificam a maneira como lembramos e como esquecemos. Se tomarmos as intuições e argumentos de Halbwachs como indicativas das condições de possibilidade de se pensar a memória coletiva em seu tempo, pensar o alcance e os limites de suas concepções nos dias de hoje colocam em primeiro plano o papel fundamental

⁴ Ou sobre o seu correlato, o esquecimento: POLLAK, 1989; HUYSEN, 2005 e RICOEUR, 2007.

exercido pelo jornalismo na construção de comunidade afetivas e na memória coletiva, bem como explica, em parte, algumas de suas desventuras atuais.

A presente comunicação registra os primeiros e passos de uma tentativa de investigar temas complexos e correlatos: novas possibilidades tecnológicas de produzir e partilhar informação e seu impacto nas relações entre memória, e jornalismo, a partir das diferentes narrações dos os eventos de julho de 2013. Nos limitamos aqui, no entanto, dado o estágio ainda inicial da pesquisa, a algumas anotações sobre memória e jornalismo e os limites e alcance de um resgate de algumas contribuições de Maurice Halbwachs para interpretação das adaptações do jornalismo contemporâneo às novas configurações do mercado de notícias e das novas formas de produzir e fazer circular informações.

2. Memória coletiva

A originalidade de Halbwachs reside em ter identificado as relações entre memória e sociabilidade, ou, mais especificamente, descrito a forma como a construção e manutenção da memória é dependente das interações sociais dentro de um grupo de referência. Grupo que ele denomina “comunidades afetivas”. Importante enfatizar que, para ele, a memória social não é uma reprodução de eventos passados, mas uma construção coletiva levada a cabo por uma comunidade constituída de pessoas que partilham e comunicam experiências entre si.

Na interação entre seus membros, as convicções e sentimentos sobre o passado são chancelados ou mesmo modelados, pela partilha de experiências e impressões. Emprestando assim, às lembranças, exatidão e vivacidade. Sem isso, tais lembranças seriam como meras abstrações. Importante destacar também que o “outro” com quem o indivíduo interage é, primeiro lugar, sua própria consciência, que, para Halbwachs - como bom representante da Escola Sociológica Francesa - é ela própria uma construção do grupo. A seguir, vem um *outro* presente fisicamente, ou cuja presença foi internalizada por uma convivência anterior no seio da comunidade.

Mas a memória coletiva não é apenas o registro de acontecimentos passados em algum depósito de nossa memória, energizado pela carga afetiva emprestada ao grupo de referência, é também o ato de recontar o que se lembra, um ato sempre moldado pelos contornos e interesses do presente. A memória é uma centelha trabalhada no interior da comunidade afetiva por pessoas “que se entretém”, pensam e agem habitualmente como membros do grupo. Assim, as lembranças são elas mesmas relações sociais e não simplesmente o resgate de ideias e imagens. Tal qual as relações sociais, as memórias são

também estruturadas por referências coletivas. Função essa desempenhada pelo que ele denomina “quadros sociais da memória”, que atuam tanto no momento dos fatos vividos quanto no momento dos fatos relembrados.

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p.34).

Se Halbwachs se mostra muito seguro da necessidade das interações sociais no trabalho de construção das memórias coletivas, na construção destes “quadros sociais da memória”, atuam elementos de outra ordem, que extrapolam os limites da interação face a face, tal qual se pode depreender se seu exemplo a partir de Dickens:

A primeira vez que fui a Londres, diante de Saint-Paul ou Mansion-House, sobre o Strand, nos arredores dos Court's of Law, muitas impressões lembravam-me os romances de Dickens lidos em minha infância: eu passeava então com Dickens. Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de um tal grupo para outro, aquele que eu compunha com esse arquiteto, além deste, com aqueles, dos quais ele era o intérprete junto a mim, ou aquele pintor (e seu grupo), com o geômetra que havia desenhado esse plano, ou com um romancista. Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles. (HALBWACHS, 2006, p.26-27).

No mesmo ano do lançamento de *Les cadres sociaux de la mémoire*, 1925, o historiador Marc Bloch publica uma importante resenha crítica desta obra, na qual, entre outras coisas, procura desfazer a distinção entre história e memória ali construída, e chamar a atenção para aspectos da transmissão da memória pouco explorados no livro resenhado. Na separação que faz entre memória histórica e memória coletiva, Halbwachs concede a primeira a frieza dos túmulos, em contraste com a vivacidade da segunda. A memória histórica se confundiria com o registro factual de um passado morto, patrimônio estéril comum a todos os homens, enquanto a memória coletiva vive e dá vida à grupos singulares. Para Bloch, essa distinção não faria sentido, por ser a historiografia também ela uma construção mediada pelo trabalho do historiador dentro de suas próprias referências teóricas e temporais, e em diálogo com outros historiadores, viva, portanto. Assim como a memória coletiva é um retorno do passado pelos interesses do presente, na historiografia os fatos

passados são interpretados pelas lentes do presente. Ao mostrar o caráter construído da historiografia, Bloch chama a atenção para a importância de levar em conta a produção da memória e seus diferentes agentes.

Podemos supor ainda que a separação que Halbwachs estabelece entre história e memória é, em parte, consequência da primazia que concede à troca de experiências como atividade produtora e mantenedora da memória coletiva, o que talvez o tenha feito dar pouca atenção ao papel que fontes extra grupos poderiam ter na construção dos quadros sociais da memória, como o jornalismo, por exemplo. De fato, por um lado, não parece prosaico imaginar as pessoas lendo livros de história para saber mais sobre suas vidas cotidianas, por outro lado, no entanto, é perfeitamente plausível imagina-las buscando notícias para esse fim, bem como debatendo essas notícias com os membros da comunidade afetiva, mas essa possibilidade não foi explorada por Halbwachs. Outro aspecto para o qual Bloch chama a atenção é que a memória se reproduz através da comunicação entre as gerações no interior de um grupo, dos mais velhos aos mais novos, permanecendo, ainda assim, uma memória de transmissão interpessoal. "il convient de ne pas oublier qu'une partie au moins des phenomenes que nous designons ainsi sont tout simplement des faits de communication entre individus". (BLOCH, 1925, p.79). O significado desta passagem está em chamar a atenção para a dimensão comunicacional envolvida na memória coletiva, assim sendo, está sujeita a falhas, ruídos e manipulações intencionais.

Ao chamar a atenção para os agentes e percalços envolvidos na construção e transmissão da memória coletiva, Bloch permite superar uma certa visão harmonicista de Halbwachs, uma certa incapacidade de perceber tanto a “artificialidade” da memória, no sentido de não ser uma emanção espontânea das interações do grupo, quanto de perceber a distribuição diferencial de poder que molda essa construção.

Um dos mais importantes nomes do renovado interesse pela memória nos anos 80, Michel Pollak, entende que Halbwachs, em grande parte como resultado de suas raízes durkheimianas, teria sido incapaz de enxergar os elementos de dominação ou de violência simbólica existentes nas diversas formas de memória coletiva, pois privilegia as funções positivas desempenhadas pela memória comum tais como de reforçar a coesão social pela adesão afetiva ao grupo de referência. Ao se superar essa limitação, os interesses das pesquisas sobre memória se deslocam para os: “processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias” (POLLAK, 1989, p.4) revelando a existência de uma memória “dominante” e outras “dominadas”, uma podendo brotar

espontaneamente e a outra contaminada por algum tipo de poder, ambas em conflito. O nacionalismo exemplificaria isso de alguma forma. Onde Halbwachs vê a nação como a forma mais bem-acabada de uma “comunidade afetiva”, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva, Pollak e outros autores chamam a atenção para o caráter “destruidor”, “uniformizador” e “opressor” da memória coletiva nacional. Que encobre: “memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira⁵, quase imperceptível afluem em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa”. (POLLAK, 1989, p. 4)

De fato, do nacionalismo ao longo dos séculos XIX e início do século XX, surge um ponto chave na articulação entre memória e jornalismo. Nações são ‘comunidades imaginadas’, conforme a definição de Benedict Anderson (2008). E, comunidades não podem ser convertidas de imaginação para algo efetivo sem um amalgama de seus membros, sem uma memória comum. Sem dialogar explicitamente com estudos sobre memória coletiva, Anderson, no entanto, faz uma contribuição significativa, ao identificar na transformação da imprensa em um negócio as condições sociais que tornam possível forjar a comunidade nacional. É o que ele chama de “capitalismo editorial”. Essa produção comercial de notícias e referências culturais permite configurar os contornos de um grupo nacional narrando seus “fatos” internos presentes e passados, e moldando, ou mesmo inventado nesse movimento estoque de interesses comuns, acessíveis mesmo a grupos relativamente isolados, bem como incrementando a padronização do idioma.

Jornalismo e memória em um mundo midiaticado.

Os estudos sobre os meios de comunicação não ficaram imunes ao renovado interesse pela memória coletiva nos anos 80, sendo relativamente fácil identificar estudos sobre mídia e memória. No entanto, embora talvez fosse mais o mais óbvio dos elos entre memória coletiva e a comunicação humana, o jornalismo, foi último a abrir suas fronteiras acadêmicas à discussão, ao menos de forma explícita, e o faz ainda hoje com reticências. (ZELIZER, 2014a e b; OLICK, 2014).

Pensar as relações entre memória e jornalismo implicam, esquematicamente, duas questões (OLICK, 2014): de um lado, como o jornalismo afeta a construção da memória coletiva e como esta afeta a produção jornalística, e de outro lado, como os especialistas de ambos os lados (jornalistas e estudiosos da memória) tratam com ‘fingida negligência’ as relações entre jornalismo e memória, abstendo-se de teoriza-las (ZELIZER, 2014b; OLICK,

⁵ Pensando no Brasil, sucesso editoriais recentes relativizam essa afirmação. Para ficar em dois exemplos, os livros de Eduardo Bueno e Laurentino Gomes, sobre a história do Brasil, figuram em muitas listas de mais vendidos, note-se, no entanto, que ambos são jornalistas, e não historiadores profissionais.

2014, EDY, 2014). A importância da primeira questão acentua tanto a lacuna deixada pela segunda, quanto a urgência em preenche-la.

A relativa ignorância recíproca entre estudiosos da memória e do jornalismo se deve a fatores históricos e institucionais. (OLICK, 2014). Barbie Zelizer (2008, 2014a e 2014b) aponta como uma das razões para tal, o fato de que jornalistas e estudiosos do jornalismo veem a profissão como inerentemente ligada ao tempo presente. Afastando o passado para fora de suas fronteiras e interesses. Sua missão de prover informações de forma rápida sustenta um auto atribuído escopo temporal no tempo presente. Além disso, a representação comum do jornalismo como o primeiro rascunho da história, desloca o fardo de sua redação final para os historiadores profissionais e seu arsenal de teórico. Ambos, historiadores e jornalistas, fariam questão de manter estas distinções. Os estudos da memória são eles próprios relativamente distintos em relação a historiografia, pois se alimentam de diferentes matrizes disciplinares, assim como os estudos culturais, não contam com forte institucionalização acadêmica. Mas se distanciam ainda mais do jornalismo, pois privilegiam a recepção dos conteúdos culturais por grupos específicos, e não sua produção, desinteressando-se em parte, pelo jornalismo (OLICK, 2014).

Quanto as relações entre memória e jornalismo, propriamente ditas, podem ser mapeadas a partir de qualquer um dos lados. De uma parte, o trabalho jornalístico é tanto estruturado por um saber partilhado na forma de uma “memória” do saber fazer (BARBOSA, 2005; SCHUDSON, 2014), quanto dialoga com a memória coletiva na escolha dos que é ou não relevante para sua audiência. Num sentido muito óbvio, jornais são depósitos de memória. Os jornais são arquivos vivos, e também possuem seus próprios arquivos de dados, a dependência da produção de notícias destas bases de dados atestam a importância da memória para o jornalismo⁶. Sobretudo se considerarmos que nem os arquivos de dados, muito menos as matérias arquivadas são registros brutos, e sim construções elaboradas nos quadros de seus respectivos momentos. De outro lado, o jornalismo não cobre apenas datas historicamente relevantes e eventos comemorativos, mas também os celebra (SCHUDSON, 2014). Eventos comemorativos são formas mais ou menos ritualizadas de atualizar memórias, veja, por exemplo, as comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil. Mas quando um veículo jornalístico produz uma edição

⁶ Memória é sempre algo além do registro dos dados ela é o trabalho sobre esses dados, assim, não se confunde com banco de dados, embora esse possa ser uma fermenta imprescindível para o trabalho de construção das memórias, seja de jornalistas, seja dos usuários, ver, Palácios, 2003.

especial, uma série especial sobre um evento, ele produz um “lugar de memória” e torna-se, ele mesmo um agente da construção da memória⁷.

Se esses poucos exemplos atestam conexão entre jornalismo e memória, como isso se reflete na redução teórica destes campos? Zelizer (2014) identifica quatro fases na história das relações entre jornalismo e memória, em todas elas a importância do jornalismo pode ser vista de forma crescente, porém, não de forma explícita. Na primeira fase o jornalismo aparece como uma “sombra”, na segunda representa a memória dos “outros”, na terceira, entre final do século XIX e XX, que a autora chama de período fundacional, por ser quando são construídas as bases para o estudo da memória coletiva, o jornalismo operaria como um “facilitador”. Nessa fase, se destaca o trabalho de Halbwachs entre outros, que para ela ilustra tanto o papel do jornalismo no funcionamento da memória coletiva, quanto a ausência de discussão a respeito. São três os pontos de destaque identificados pela autora na obra do sociólogo francês: 1) a articulação da memória com a linguagem, 2) os enquadramentos sociais em que reside a memória e 3) a natureza narrativa da atividade mnemônica. Por ser uma atividade partilhada, a própria existência da memória exige uma linguagem comum e convenções verbais para sua eficaz circulação. A literatura, inicialmente e de modo restrito, e a imprensa (Incluindo o jornalismo) de forma mais generalizada, sobretudo neste período, são os construtores da padronização desta linguagem comum. O jornalismo também teria um papel de destaque, na construção das classificações sociais que alimentam os quadros sociais da memória, conforme Olick:

Journalism could be considered a primary example of what Halbwachs (1925) – the founding father of memory studies – called a 'social framework of memory.' Both the autobiographical and historical memories of individuals are shaped in profound ways by journalism. We may, for instance, check the front page of the newspaper for the date or the weather and for a sense of what is going on in the world, and the awareness taken from doing so shapes the way we experience our day, week, or year. (OLICK, 2014, p.27)

Por fim, o aspecto narrativo é partilhado tanto pela atividade jornalística, quanto pela memória. A primeira “narra” fatos emprestando a eles algum sentido, a partir de suas próprias formas retóricas, a segunda conta histórias, arrumando referências – lugares, pessoas, coisas, de forma a facilitar o trabalho da memória. As narrativas fazem dos produtos jornalísticos mais do que meros registros: It is in the question for coherent

⁷ Os meios de comunicação fazem isso sobre sua própria história, reforçando seu papel de autoridade com apelos à história (SCHUDSON, 2014 e CHRISTA, 2005).

understanding, not in the service of commemoration, that journalist may make their most vital contribution to social memory. (SCHUDSON, 2014:88).

Por fim, atualmente, na quarta fase, com o crescimento das tecnologias de comunicação digital, o Jornalismo estaria sendo reconhecido como precondição da memória coletiva. De fato, a crescente preocupação com os meios digitais, e novas formas de produção e circulação de informação, afetam as discussões sobre memória e jornalismo, a partir de quatro tropos, ainda segundo Zelizer (2014a): a “escrita da memória”, os ‘lugares de memória”, a “memória corporal” e a “memória material”. Importa, no entanto, reconhecer em primeiro lugar que: “In the modern period, there is no cultural or collective memory that is not at least in part journalistic”. (OLICK, 2014, p.30). E, em Segundo lugar, perguntar: como seria a construção da memória em um mundo em que tanto as formas de sociabilidade se alteram diante das novas formas de comunicação digital, quanto as condições da prática do jornalismo?

As condições atuais não são apenas de um reconhecimento um pouco menos tímido das relações entre memória e jornalismo, mas sim um período em que ambos se transformam, alterando, possivelmente suas inter-relações. A audiência de massa se converte em audiências fragmentadas. Enquanto o modelo de jornalismo “comercial” busca formas de manter o que ainda lhe resta de viabilidade comercial (diante do esgotamento das formas de financiamento tradicionais, ligadas à escala da audiência, tais como venda direta e publicidade) e relevância (o advento da internet e sua crescente utilização como meio de informação, retiram do jornalismo a exclusividade na disseminação de informações e expõem as falhas e fragilidades da produção industrial de jornalismo), seu papel social muda e, conseqüentemente seu papel na produção e manutenção da memória coletiva se altera com importantes implicações políticas e sociais (EDY, 2014).

Com a crescente diversificação das fontes de informação e a conseqüente estratégia de segmentação, as pessoas cada vez mais podem escolher o que querem ver ou o que não querem ver (SUSNTEIN, 2003) com isso as audiências de massa se diluem. Se, por um lado, não se deve acreditar que os meios de comunicação de massas foram cem por cento eficaz na construção de uma comunidade de pensamentos comum, que desse sustentação a uma memória comum, mesmo no contexto do “capitalismo editorial” de que fala Anderson (2008), hoje a noção de “coletivo” é ainda mais problemática. A experiência de comunicação hoje se dá a partir de grupos de interesse que, com seu acesso a mídias “especializadas”, podem pôr em circulação novos arranjos ou novas formas de

“comunidades afetivas não presenciais”, que dão origem a novas formas de memória coletiva, o que EDY (2014) chama de “Silos de memória”.

O curto circuito nesses arranjos estaria na articulação entre a deliberação pública e a produção de sentidos. Se o caráter narrativo partilhado tanto pela memória coletiva quanto pelo jornalismo tem em comum a construção de totalizações mais ou menos coerentes, a impossibilidade sociológica de se produzir uma totalização que faça sentido para públicos tão diferenciados e a impossibilidade dada pela atual configuração do mercado de notícias de atingir a audiência abrangente, afetam o alcance do jornalismo, em termos de escopo e capacidade de se manter influente, ao menos com sua retórica tradicional, desenhada para um espaço público racional e homogêneo. A produção de sentidos na política se desloca dos grandes centros irradiadores de poder para fermentar no cotidiano, eclodindo em movimentos de rede (CASTELLS, 2013) e novas formas de subjetividades políticas. A dicotomia sugerida por Pollak entre uma memória dominante e memórias subalternas perderia parte de seu sentido pois seriam todas hoje “alternativas” a seu modo.

Narrativas jornalísticas: julho de 2013

De forma muito breve, pretendo, nessa seção ilustrar algumas das questões colocadas anteriormente com uma muito pequena amostra das narrativas produzidas sobre os eventos de julho de 2013, publicadas em livro pouco depois dos acontecimentos narrados. Por serem muito diferentes entre si, ilustram bem a diversidade inerente a complexidade dos eventos. “Foi um mês excepcional. Junho de 2013 não será esquecido pelos brasileiros que o viveram.” Assim Fernanda Godoy inicia o livro que, segundo a autora, tomou como título a manchete do Jornal o Globo de 18 daquele mesmo mês: “O Brasil nas ruas”. Trata-se de uma coletânea com matérias e colunas sobre os eventos de julho de 2013, é uma tentativa de “consolidação” da memória jornalística dos eventos. Se, por um lado pode ser classificada como um volume “comemorativo”, por outro, seus textos foram produzidos no calor dos acontecimentos, os autores são tanto jornalistas profissionais como músicos, cientistas sociais e personalidades, apresentam assim um apanhado de gêneros jornalísticos e formatos, bem como é também bastante heterogêneo do ponto de vista das abordagens. Replica, assim, em parte a heterogeneidade do público fragmentado atual.

Dentre as muitas coisas a serem ditas sobre esse livro, gostaria aqui de destacar duas: uma inflexão na cobertura e os usos da contextualização histórica. Em um os textos, que na verdade simboliza uma guinada de quase toda a imprensa convencional, o autor

inicia se desculpando por, no primeiro dia dos eventos, tê-los condenados de forma dura em rede de televisão, para, em seguida, tecendo elogios aos manifestantes, de forma didática sugerir uma pauta de reivindicações para serem levadas as ruas. O recuo, auto representado como erro, pode ter sido determinado por várias coisas, uma leitura mais acurada revelando os erros de interpretação inicial. Recuo propriamente dito diante das pressões geradas pela fala inicial, ou qualquer outra coisa, mas o movimento me parece exemplar da incapacidade de o jornalismo convencional dialogar com as novas experiências coletivas, seja por ser incapaz de reconhecê-las, dispersas que estão pelo tecido social, seja pela arrogância de achar que ainda pode moldá-las.

O segundo aspecto é que, em vários dos textos se faz uso da contextualização histórica para dar sentido aos eventos. Schudson (2014) sugere que o papel do jornalismo na construção da memória coletiva vai além da construção de “marcos” como o representado por este livro, ou o provimento de informações factuais. Mas passa por estratégias que ele denomina “look at me”, “let me explain!” E por usos de dramas pessoais como formas de destacar eventos do curso normal esperado diante da memória coletiva informa ser normal. Na primeira estratégia, invoca-se um cenário histórico que, por efeito de contraste dá destaque ao evento narrado. De fato, abundam no livro referências aos passado recente do Brasil diante dos quais as manifestações seriam algo insultado, o que melhor exemplifica os efeitos dessa percepção seria o bordão: o gigante acordou! Na segunda estratégia, referências históricas são acionadas para compor um pano de fundo explicativo, diante do qual as manifestações fariam sentido. Novamente, são inúmeras as referências ao movimento das diretas já e ao movimento pelo impeachment do ex-presidente Collor, todas apontando continuidades e rupturas que trariam sentidos aos movimentos atuais, ambas as estratégias envolvem a elaboração de narrativas históricas e, nesse sentido, dialogam com a memória coletiva e as lembranças de todos que participaram destes eventos. Quanto a última estratégia, pode ser exemplificada pela representação da violência policial contra os jornalistas, eventos apontados por muitos como catalizador dos protestos, pois seu efeito teria sido o de amalgamar diferentes segmentos diante de uma mesma ameaça.

O livro de Piero Locatelli, jornalista profissional e personagem dos eventos narrados, cujo título é: “#vem pra rua” é construído como um relato dos eventos, tendo a mídia corporativa como um interlocutor constante, do qual se pretende distinguir. Sua apresentação é cronológica e em primeira pessoa. Se destaca na sua retórica: “estava lá”, “te

leve até lá” em contraste com as mídias tradicionais que têm um ponto de vista de cima, literalmente com distância e com disfarce. Sinaliza assim o que Zelizer chama de “Bodily memory”. Sua narrativa é marcada pelo engajamento pessoal nos protestos, mas também com a cobertura e com seus leitores, sua autoridade jornalística está baseada no fato de estar lá, e não algum capital simbólico que legitime seu espaço para fala, como no caso de muitos dos colaboradores do livro anterior. O título do livro, fala a partir das ruas, replicando um chamado dos protestos, enquanto o livro anterior tem o Brasil e as Ruas como um terceiro, observado a distância.

A guerra para a produção de sentidos durante os eventos foi tanto algo de político quanto de corporativo. Uma disputa pela memória, nos termos de Pollak. Muitas paixões políticas estiveram envolvidas, e estarão enquanto forem lembrados e recontados estes eventos, provavelmente ainda serão mesmo quando suas consequências “práticas” já não forem mais relevantes. De toda a cobertura se pode falar muito, mais ainda se for incluída, como pretendo fazer no curso desta pesquisa, a cobertura levada a cabo pelo coletivo Mídia Ninja. Mesmo destes dois livros se poderia falar muito mais, o que, no entanto, não é possível aqui. Mas, nessa pequena amostra, procurei lustrar, como dito antes, que boa parte das características da cobertura pode ser lida como uma forma de reação ou de ajuste do jornalismo diante das transformações sociais que impactam o lugar tanto da memória quanto do jornalismo.

Apontamentos finais:

Se a matéria prima da construção da memória coletiva é, em grande parte trazida pela experiência individual, que lhe empresta força e autoridade, isto reduz a margem de manobra de imposição de memórias externas. Eventos excepcionais como os que ocorrem em 2013, são, em certo sentido, tão inesperados, que seu significado é visto como aberto à disputa. Não uma disputa explícita, em que diferentes “explicações” são acionadas para imputar a um ou outros papéis de anjos ou demônios. Isso, neste caso foi feito a exaustão tanto nas páginas dos jornais e quanto na produção da sociologia e da história imediatamente posterior aos eventos. Mas uma disputa para influenciar a memória dos eventos, a forma como serão lembrados no futuro.

Narrativas jornalísticas, mesmo que de fatos que afetam as comunidades, teriam espaço para compor, nos termos de Halbwachs, apenas os ‘quadros sociais da memória’, mas não seriam capazes de pôr si só dar lhes vida. Nesse sentido, em primeiro lugar, se os indivíduos estão seguros da realidade de suas experiências ou seguros em relação a interpretação que dão a elas, interpretações vindas de fora ou formuladas em uma linguagem

formal não serão assimiladas e até mesmo podendo até mesmo serem rejeitadas. A imprensa foi alvo, ela mesmo tanto da violência policial, quando da violência dos manifestantes. A força da experiência partilhada coletivamente, mesmo sem um grupo de referência identificável, fez da imprensa um espectador passivo.

O espaço público burguês tal qual descrito por Habermas, seria o espaço da racionalidade, desencantado e, lugar de uma sociabilidade não tão espontânea e moldada pelos interesses partilhados racionalmente e papéis sociais mais ou menos fixos. Em nada se confundiria com a “comunidade afetiva de Halbwachs”, essa relegada às margens da vida moderna. As possibilidades abertas pelas redes sociais de novas formas de interação, abrem a possibilidade de novas comunidades afetivas, histórias e formas de ação coletiva, nas quais o afeto político, para o bem ou para o mal, coexiste com a racionalidade política. E que demanda formas próprias de consumir informação. Um jornalismo pensado para alimentar esse espaço público racional não consegue ser ouvido em um mundo recortado por “silos de memória”. Nem mesmo quando faz uso de uma linguagem que abusa da informalidade e da afetividade enquanto apela para a experiência vivida de seus ouvintes.

Referências bibliográficas:

ALDÉ, Alessandra. A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, Marialva. *Jornalistas, “senhores da memória”* Trabalho enviado para o NP jornalismo, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra Nikolai Leskov*. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994c. v. 1, 1986.

BLOCH, Marc. “Mémoire collective, tradition et coutume. A propos d’un livre récent”, *Revue de synthèse*, t. XL, dec. 1925, pp. 73-83.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHRISTA, Berger. Proliferação da memória (a questão do reavivamento do passado na imprensa). In: A. BRAGRANÇA e S. MOREIRA, (orgs) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

DARNTON, Robert. *Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica*. In: _____. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

EDY, Jill. *Collective memory in a post-broadcast world*. In: B. ZELIZER e K. TENENBOIMWEINBLATT (orgs.) **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

- GODOY, Fernanda (org). **O Brasil nas ruas**. Rio de Janeiro: Infoglobo\O Globo, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo (SP): Centauro, 2006.
- HUYSEM, Andreas. Resistência à memória, os usos e abusos do esquecimento público. In: A. BRAGRANÇA e S. MOREIRA, (orgs) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.
- KOSSOY, Boris. *Mídia: imagens, ideologia e memória*. In: A. BRAGRANÇA e S. MOREIRA, (orgs) **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.
- LOCATELLI, Piero. **#vem pra rua**. São Paulo: Breve Cia das Letras, 2013.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- OLICK, Jeffrey. *Reflections on the Underdeveloped Relations between Journalism and Memory Studies*. In: B. ZELIZER e K. TENENBOIM-WEINBLATT (orgs.) **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014.
- PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória Marcos. In: MACHADO, E. e PALACIOS, M. (Orgs), **Modelos do Jornalismo Digital**, Salvador: Editora Calandra, 2003.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.
- RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- SCHUDSON, Michael. Journalism as a Vehicle of Non-Commemorative Cultural Memory. In: B. ZELIZER e K. TENENBOIM-WEINBLATT (orgs.) **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014.
- SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, pp. 557- 591, 2005.
- SUNSTEIN, Cass. **República.com: Internet, democracia y libertad**. Barcelona, Paidós, 2003.
- WHITE, Hayden. “A questão da narrativa na teoria contemporânea da história”. *RH - Revista de História*, n. 2/3:47-89. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991.
- ZELIZER, Barbie: *Journalism's Memory Work*. In **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**, ed. Astrid Erll and Ansgar Nünning (Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2008).
- ZELIZER, Barbie: Memory as Foreground, Journalism as Background. In: B. ZELIZER e K. TENENBOIM-WEINBLATT (orgs.) **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014a.
- ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT (orgs). Keren. **Journalism and Memory**. London: Palgrave Macmillan, 2014b.